

O anti-sionismo como teoria

Para entender o anti-sionismo da esquerda não basta abordar o seu lado prático - isto é, as vantagens que proporciona ao "campo progressista". Como acontece em relação ao anti-semitismo, aos benefícios materiais somam-se os psicológicos, não menos importantes. Quando o anti-sionismo da esquerda é professado por judeus, o fator subjetivo ganha uma nova dimensão.

O anti-semitismo está ligado a formas de nacionalismo e fundamentalismo religioso [1] situados nos antípodas do judaísmo, por mais que se queira estabelecer uma equivalência moral com a segregação praticada pelos judeus. Que, pelo contrário, a "teoria anti-sionista" seja uma "ciência judaica" [2], constitui em princípio um paradoxo. Para começar a entendê-lo é preciso levar em conta que os Chomskys, Finkelsteins, Judts, Pappes, Gordons e demais opositores judeus do estado judeu enfrentam um problema particular, desconhecido pelo militante esquerdista não judeu. Como seus correligionários, eles pertencem ao chamado campo progressista por escolha, mas, em acréscimo, também ao judaísmo - por fatalidade. E, nesse caso, por *menos* que se queira, a origem impregna a imagem,

tanto quanto um ascendente, ainda que longínquo, definia a etnia para os eugenistas do 3º Reich.

As raízes do conflito vêm de longe. A concomitância entre o sionismo e a revolução bolchevique dilacerou o judeu de esquerda. Aqueles que escolheram o marxismo freqüentemente entenderam que era preciso ser mais realista que o rei e dar provas suplementares de fidelidade [3] Presente desde os últimos anos do século XIX, o dilema teve como uma de suas derivações o Bund, a Liga de Trabalhadores Judeus (em princípio da Lituânia e da Polônia, mas com ramificações na Rússia), que procurou preservar a identidade judaica e compatibilizá-la com a participação no movimento revolucionário. O problema nunca desapareceu e voltou a exacerbar-se quando a União Soviética e a esquerda entraram em crise, mas desta vez a propósito do sionismo.

Se, como diz o ditado, sempre foi difícil ser judeu [4], há certas circunstâncias em que ser judeu e comunista (ou da esquerda) é um pouco mais difícil ainda. A afirmação vale tanto para o comunista judeu nos países do leste europeu como para o israelense comunista (ou o judeu palestino comunista nos tempos do Ichuv), durante os setenta anos de existência da União Soviética.

Depois do colapso soviético, também tornou-se difícil permanecer comunista; um pouco menos, porém não muito, assumir-se "de esquerda"; mas a partir do momento em que o anti-sionismo adquiriu uma posição central no discurso ideológico, nada é tão incômodo como ser judeu e comunista (ou "de esquerda"), onde quer que seja.

O anti-sionismo soviético dilacerou os judeus marxistas entre a própria etnia/cultura e a opção ideológica. Em relação a outras formas de

identidade nacional, a questão não se coloca. Ser russo, francês ou alemão é plenamente compatível com a posição política assumida, não importa qual. A Internacional Socialista não tinha por objeto abolir as nacionalidades, mas integrá-las, subordinando-as ao conceito mais amplo de classe trabalhadora. Os judeus, porém, constituíam uma exceção. Esse povo sem terra, com experiência milenar de discriminação, havia finalmente criado seu movimento de emancipação, concomitante à onda nacionalista que agitou a Europa na véspera e na esteira da dissolução dos impérios - Austro-Húngaro, Germânico (2º Reich), Czarista, Otomano. O comunismo ofereceu aos judeus a assimilação, com a conseqüente perda da identidade (cultural sobretudo, mas também religiosa, embora desse ponto de vista o Partido fizesse a mesma exigência a todos - cristãos, muçulmanos, etc) [5].

A Revolução de Outubro confrontou o judeu russo - e eslavo em geral - com o *ultimatum*: integrar-se ou assumir-se enquanto apóstata, algo muito semelhante ao que acontecera na Idade Média, principalmente durante a Inquisição.

Uma das raízes do anti-sionismo da esquerda contemporânea decorre do fracasso soviético em resolver o "problema judaico", sinal de que o socialismo real padecia conflitos tão graves a ponto de recorrer, como tantas sociedades de classe, ao anti-semitismo. A persistência do "problema judaico" foi um dos sintomas que denunciou a degradação da utopia comunista. Não se tratava apenas (ou "apenas") dos preconceitos secularmente arraigados nos extratos mais incultos da população, já que se manifestavam na própria cúpula do partido. A "conspiração dos médicos judeus", acusados de planejar o assassinato de Stalin por envenenamento, é um exemplo marcante. O

eufemismo "cosmopolita", que adquiriu cidadania na terminologia oficial do Partido para designar a "falta de patriotismo" dos judeus, constitui outra confirmação de que sob esse aspecto nada de novo surgira sob o sol do socialismo.

Não é de surpreender que o movimento sionista se fortalecesse na União Soviética, resultando no pedido maciço de vistos para emigrar a Israel a partir da década de 70. A derrota egípcia e síria de 1967 havia exacerbado o choque entre a identidade judaica e os interesses de estado da potência comunista. Aumentou significativamente a repressão às expressões sionistas - dando lugar à denominação "judeus do silêncio". O célebre *spiritual* "Let my people go", lema dos "refuseniks", associou a atitude do Kremlin à do Faraó no episódio bíblico do Êxodo. A emenda Jackson-Vanik, de 1975, pela qual os EUA condicionavam o intercâmbio comercial ao direito de emigrar, acrescentou outro elemento explosivo à situação, alimentando o argumento da não confiabilidade do judeu, ao associá-lo mais fortemente ainda à potência capitalista que já havia apoiado Israel na guerra. A resposta foi dada na ONU, através da promulgação da resolução equiparando sionismo a racismo, que o Kremlin patrocinou em conjunto com os regimes árabes, aprovada no mesmo ano da emenda e revogada apenas dezesseis anos depois, em concomitância com o colapso do regime comunista.

A política armamentista adotada pela administração Reagan (1981-1989) através do maciço investimento em sofisticados sistemas de mísseis acelerou a crise econômica da URSS. A estratégia de deslocar a guerra fria para o terreno tecnológico (e financeiro) foi decisiva. Gorbachev chegou ao poder para jogar a toalha, ou seja, realizar as modificações estruturais que dariam início ao fim do regime comunista

- criando ao mesmo tempo as condições necessárias para a emergência de um ente político híbrido, que combinaria o retorno ao inverno político (uma anti-glasnost) com a intensificação da perestroika (abertura econômica). O novo estado russo, nascido dos escombros do bolchevismo, é emblematicamente liderado por um ex-membro da KGB (sigla de Comitê de Segurança do Estado, espécie de CIA e FBI soviética).

Em 1982 Israel invade o Líbano para expulsar a OLP, que havia feito do sul do país a sua base de operações terroristas. Desde a década de 60 o conflito do Oriente Médio ingressara de corpo e alma no âmbito do conflito entre os interesses de estado das potências comunista e capitalista - filiando os regimes militares egípcio e sírio à URSS e Israel aos EUA. Daí em diante, a beligerância entre os estados árabes e o sionismo foi acrescida de um novo elemento e exacerbou-se significativamente. A fogueira teria lugar para mais lenha ainda, quando a mesquita sucedeu o quartel como força política dominante no Oriente Médio, principalmente a partir da destituição do Xá da Pérsia pelos aiatolás. A situação ganhou contornos mais complexos com o apoio americano aos fundamentalistas contra a União Soviética (primeira guerra do Afeganistão) e ao Baath iraquiano (Saddam Hussein) contra o Irã fundamentalista. A contraditória estratégia consubstanciada no provérbio "o inimigo do meu inimigo é meu amigo" jamais produziu os resultados esperados por Washington. Tanto Saddam como os aiatolás tornaram-se paladinos do mais virulento anti-americanismo.

A União Soviética, enquanto principal força de oposição ao poder capitalista, foi paulatinamente sendo substituída pela Liga Árabe, que representa regimes refratários à modernização - mesma atitude

responsável pela desestruturação das "democracias populares". No caso das sociedades do Oriente Médio, porém, o apego ao passado está longe de constituir uma contradição em relação à respectiva concepção tradicionalista.

Por outro lado, petróleo e petrodólares possuem poder de persuasão equivalente ao do arsenal nuclear - além de facilitar a aquisição do mesmo. Na medida em que a curva da foice se transformava na do crescente, precisamente durante a década de 80, a esquerda passou a adotar o anti-sionismo como bandeira, até transformá-lo no elemento central de sua "política internacional". A decisão corresponde a uma estratégia que culmina com a sinonímia entre judaísmo, sionismo e capitalismo, fazendo com que o campo progressista também declare a sua *jihad* contra Estados Unidos e Israel.

O fim da guerra fria e a correspondente derrota soviética repercutiram no posicionamento da esquerda ocidental. Ao fracasso da economia planificada e da ditadura do proletariado foi preciso opor a revalorização da ética para manter a vigência do discurso ideológico. A tarefa, em si, é tudo menos fácil, visto o êxito do programa de descolonização europeu e as novas formas assumidas pela hegemonia do capital, que prescindem do controle político e militar imposto em outras épocas. Como se não bastasse, as inúmeras violações de direitos humanos bem como os crimes ambientais cometidos no mundo socialista não contribuíam em nada para a construção de uma imagem aceitável. Suplementarmente, quase todos os regimes africanos e asiáticos herdeiros da descolonização transformaram-se em ditaduras de cor política indistinguível, mas certamente populistas e pelo menos *soi-disant* "de esquerda".

Mais significativo ainda, a China aderiu a uma forma dissimulada de capitalismo, em nome do pragmatismo, enquanto os partidos de esquerda no ocidente abandonavam as metas maximalistas de tomada do poder e re-estruturação sócio-econômica radical, preferindo defender interesses mais imediatos, ligados a salários, benefícios e participação nas coalizões governamentais. A automação retirou igualmente dos sindicatos um importante trunfo nas negociações com o patronato.

Como consequência, a esquerda acadêmica, mantendo-se fiel ao espírito da teoria, afinal de contas sua especialidade e razão de ser, separou-se da esquerda pragmática. Esta assimilou, desencantada, as falhas das previsões que antecipavam o colapso do capitalismo em função do caos na produção e da concentração de renda gerada pela economia de mercado. Deu-se no âmbito da esquerda algo muito semelhante ao que aconteceu no mundo árabe após as derrotas militares. Em oposição às ditaduras castrenses criadas a partir da influência soviética e às monarquias tradicionais respaldadas pelo ocidente, o fundamentalismo islâmico politizou-se, revigorando o nacionalismo ao vinculá-lo a bases populares, mediante a fé. Mesmo que apenas no Irã o clero tenha chegado efetivamente ao poder, a sua influência é cada vez mais forte.

Em certa medida, o mesmo processo acontece no âmbito da esquerda, embora atualmente a influência da vanguarda ideológica em relação à classe trabalhadora seja muito menor do que a dos imãs no mundo muçulmano. O discurso da esquerda acadêmica mantém-se intransigente e é absorvido vorazmente pelos fiéis - em primeiro lugar o estudante universitário "consciente" e as lideranças sindicais impregnadas das formas ideológicas clássicas. Para além desse

público cativo, sua influência estende-se à mídia, às ONGs humanitárias e a certas instituições religiosas. Um dos efeitos mais visíveis do discurso acadêmico anti-sionista são os boicotes contra Israel - cuja finalidade é bloquear convênios entre universidades e impedir ou dificultar a exportação israelense, principalmente a de produtos elaborados nos assentamentos.

O anti-sionismo tem servido tanto à facção política do clero islâmico, em sua busca de hegemonia interna face às forças armadas, tendentes à laicização e ao compromisso [6].

Quanto à esquerda acadêmica em seu confronto com os setores pragmáticos do campo progressista. Em ambos os casos, o fracasso - militar ou político-econômico - é utilizado pelos fundamentalistas para acusar o adversário de acomodação e traição aos ideais. Simultaneamente, preconiza-se o retorno à verdadeira identidade, a recuperação do *ethos* original, fortemente impregnado pela perspectiva do Armagedon, ou seja, o confronto final entre o bem e o mal.

Às virtudes do crente, contrastadas com a depravação do infiel, corresponde, no campo da esquerda fundamentalista, a escolha entre a fé verdadeira, isto é, a revolução, e a apostasia, ou seja, a aliança com a burguesia.

A complexificação das relações entre segmentos sociais cada vez mais nuançados bem como o fim da guerra fria impedem que a concepção apocalíptica tenha repercussão considerável no ocidente. O peso eleitoral dos partidos que a representam é mínimo; um pouco maior nos países em desenvolvimento [7], tornou-se praticamente nulo nas nações industrializadas, cuja aliança com o mundo islâmico é função

de interesses econômicos. A produtividade decorrente do desenvolvimento tecnológico torna produtos antes considerados exclusivos da elite cada vez mais acessíveis. A economia de mercado criou mecanismos de financiamento que vendem não somente carros, televisores e computadores para (quase) todo mundo mas também aliciam a classe trabalhadora a um certo estilo de vida, orientado pelo ideal consumista. O problema desloca-se para a poluição e a grande vítima do capital já não é tanto ou apenas o proletariado mas a natureza.

Capitalismo e exploração deixam de ser totalmente sinônimos, tanto quanto utopia e socialismo se distanciam. A iniciativa privada foi capaz de fazer o bolo crescer bem mais do que a economia planificada e, requinte cruel, revela-se propensa (ou compelida) a alguma distribuição, na medida das possibilidades - ou seja, desde que a hierarquia social e política não sofra qualquer arranhão. Na esteira dessa amarga constatação, a esquerda é forçada a abandonar a ênfase na "construção do socialismo" e volta a concentrar-se na crítica ao capital. O discurso econômico e político é absorvido pelo ético, que se exacerba.

No horizonte, o modelo escandinavo, combinando a economia de mercado com uma considerável e eficaz preocupação social sustentada pela política fiscal distributivista, parece tornar definitivamente obsoleto o discurso da esquerda tradicional. Torna-se imprescindível encontrar situações que permitam respaldar a visão de mundo amparada no conflito permanente entre os que têm tudo porque desapropriaram e os que não têm nada porque foram desapropriados, visto que o estágio atual do capitalismo se presta cada vez menos à interpretação marxista clássica.

Esse é o papel que a esquerda dará ao conflito do Oriente Médio. Os atores não poderiam ajustar-se melhor ao "physique du rôle" exigido pelo roteiro progressista. Como o poder máximo é norte-americano, os EUA representarão o vilão - embora seu coadjuvante nem por isso perca importância. Algumas vezes chegará mesmo a roubar a cena. Apesar de associado a palavras como "kibutz", "democracia" e "ciência", Israel não compartilha dos ícones sagrados da esquerda: "socialismo", "comunismo", "democracias populares", "anti-colonialismo", "povo", "massas", "maioria", "oprimidos", "despossuídos", "explorados", "terceiro mundo", "pobres". A teoria anti-sionista utilizará as diversas possibilidades oferecidas pelo "script".

1) Israel é o instrumento dos Estados Unidos no Oriente Médio, isto é, o braço armado do imperialismo americano para exercer sua supremacia sobre a região mais rica do mundo em petróleo. Esse é o ponto de partida da análise feita por Chomsky.

2) A perspectiva complementar é adotada por Walt & Mearsheimer. Graças à eficácia do lobby sionista, os Estados Unidos tornaram-se o instrumento de Israel para realizar seu projeto expansionista. (Qualquer semelhança com o tema central dos Protocolos dos Sábios de Sião, ou seja, o complô judaico para dominar o mundo, dificilmente será mera coincidência. Entretanto, diferentemente da meta dos sábios conforme descrita no livro redigido pela Polícia Secreta Czarista (Okhrana), Walt & Mearsheimer não afirmam que Israel visa a hegemonia planetária - seu objetivo é apenas ocupar terras árabes. Não se descarta porém que o controle sobre a política externa americana possa ter maiores conseqüências).

3) A abordagem de Norman Finkelstein parece mais próxima da posição de Walt & Mearsheimer. A sua principal contribuição consiste na descrição do mecanismo utilizado pela conspiração sionista. Trata-se da indústria do holocausto, que além de extorquir a Alemanha e a Suíça para financiar o estado judeu e suas ramificações institucionais (departamentos e agências), visa legitimar a expulsão e/ou a opressão do povo palestino. A função do Holocausto é vestir o lobo sionista com a pele do cordeiro sacrificial. Além disso, os líderes sionistas ter-se-iam apropriado das indenizações destinadas aos legítimos beneficiários, ou seja, os sobreviventes dos campos de concentração, exatamente como patrões exploram seus empregados embolsando a mais valia. Chomsky retoma as teses do anti-americanismo clássico [8], que nasceu com a oposição à guerra do sudeste asiático e a crítica ao apoio da Casa Branca às ditaduras do terceiro mundo. Desde essa época, a situação tem mudado, inclusive em função da politização da sociedade norte-americana, mérito notável da esquerda. Apesar das freqüentes analogias entre as guerras do Iraque e do Vietnã, nem os mais hábeis cirurgiões plásticos ideológicos conseguiram transformar Saddam Hussein em Ho Chi Min . A década de 60 corresponde aos anos dourados da esquerda; sua influência estendeu-se dos *campi* universitários à mídia e daí à sociedade como um todo. A denúncia do belicismo do Pentágono, da indústria militar e do intervencionismo da CIA, cujas conspirações derrubaram governos democraticamente eleitos e instalaram ditaduras criminosas, principalmente na América Latina, obrigaram Washington a repetidos *meas culpas* [9], inclusive em relação à utilização espúria da máquina do Estado - como no célebre caso Watergate.

As críticas ocasionaram um efeito benéfico na sociedade americana, que pode ser medido pelas leis contra a discriminação racial e o

respeito às minorias em geral. Com relação à política externa, foram promulgadas normas referentes à transparência governamental, que obrigaram Washington a abandonar a velha tradição intervencionista em relação à América Latina [10].

Vinte anos depois, a crise e posterior colapso da União Soviética bem como a adoção da economia de mercado por parte da China modificaram totalmente a situação da esquerda, que até então desempenhava o papel de tribunal ético, político e econômico do capitalismo. Para recuperar o prestígio conquistado nos anos 60, a esquerda busca legitimar-se enquanto formadora de opinião no campo da política internacional e detecta no Oriente Médio o cenário ideal para alcançar esse objetivo.

A derivação lógica é apresentar Israel como herdeira do Vietnã do Sul e dos regimes ditatoriais respaldados pelos EUA. (A essa imagem as ONGs dedicadas aos direitos humanos acrescentarão a pecha do racismo, com base no modelo sul-africano do *apartheid*). Segue-se que enquanto aliado do governo americano, Israel ocupa território alheio e oprime as massas do Oriente Médio. O apoio da Casa Branca aos sionistas não seria senão a continuação da política favorável às elites latino-americanas e asiáticas para garantir os lucros das companhias norte-americanas, decorrentes dos diversos mecanismos de exploração utilizados pelo capitalismo. Além disso, os povos que ousassem rebelar-se seriam castigados com sofisticada tecnologia militar. Em suma, se cada vez menos aplicável ao terceiro mundo e praticamente abolido no primeiro, o modelo da luta de classes transposto para a política internacional ganharia sobrevida graças ao Oriente Médio.

O anti-americanismo é um elemento essencial no discurso da esquerda atual. O fracasso da experiência socialista no leste europeu impõe como compensação degradar a imagem da potência capitalista para restaurar o "equilíbrio estratégico" no plano ideológico. A derrota política e econômica do socialismo requer o contrapeso da vitória no terreno ético. Na medida em que a esquerda tampouco primou pelo respeito aos direitos humanos quando no exercício do poder, a finalidade só será alcançada se a demonização do capitalismo for levada até as últimas conseqüências.

Nenhum adepto da esquerda anti-sionista reconhecerá, evidentemente, o emprego ideológico dos preconceitos anti-semitas com a finalidade de transformar o estado judeu numa espécie de míssil para atingir por procuração o satã norte-americano, ou seja, capitalista. Contudo, as manifestações mais espontâneas da opinião pública "informada", ou seja, suscetível à mídia, revelam até que ponto a mitologia anti-judaica medieval impregna o imaginário anti-sionista tão logo se passa da esfera intelectual para a emocional, ou do formal mundo acadêmico para a "rua" da militância.

O aggiornamento chomskyano da denúncia leninista do imperialismo somente poderá valer-se do conflito árabe-israelense se for operada uma revisão radical da respectiva história. Os novos historiadores assumirão a tarefa e - conforme a orientação - procurarão demonstrar a ilegitimidade parcial ou total do Estado Judeu. Para tanto, será preciso enfrentar documentação acima de qualquer suspeita, mas o fim justifica os meios.

Para a esquerda, trata-se nada mais nada menos do que da recuperação da sua imagem ética, profundamente abalada. Os crimes

do stalinismo em particular e das ditaduras do proletariado em geral exigem uma estratégia de defesa, e o mecanismo da projeção (derivar a acusação para o outro) entra em cena. Entretanto, a escolha de Israel como vilão do Oriente Médio para devolver o capitalismo ao banco dos réus torna extremamente desconfortável a situação do militante judeu.

Ele precisará fazer uma segunda demonstração de inocência no interior da primeira, visto que a culpabilização de Israel, centrada na acusação da apropriação de terras árabes, traz à tona a velha cadeia de estereótipos (Judas = traição = judeu = 30 dinheiros = avareza = banqueiro = capitalismo = imperialismo = exploração). É preciso demonstrar que nem todo judeu é um Shylock e os acadêmicos judeus de esquerda utilizarão a sua presumível familiaridade étnica com o conflito - que parece conferir-lhes especial autoridade - para condenar Israel inapelavelmente. A finalidade é obter uma dupla absolvição: a da esquerda, que assim recuperaria o seu papel de paladino da justiça enquanto

[1] Os principais exemplos sendo a judeofobia cristã medieval e islâmica atual, esta última associada ao anti-sionismo.

[2](Expressão devida a Freud, que a pronunciou num contexto inteiramente diferente). Evidentemente, a afirmação é exagerada. Há "teóricos anti-sionistas" não judeus. Geralmente, porém, pertencem ao campo da direita e são simultaneamente negadores do Holocausto. Em todo caso, Mearsheimer e Walt, os denunciadores do lobby sionista, não são judeus nem negacionistas e tampouco conservadores, embora

a respectiva tese não esteja isenta de um pragmatismo pouco comum na esquerda.

[3] Pacifistas vivenciam algo semelhante durante períodos de guerra.

[4] Não somente em virtude do anti-semitismo mas também por conta da "dupla lealdade".

[5] Houve uma exceção: em 1928 o partido comunista russo ofereceu aos judeus um território, Birobidjan, na fronteira com a China, cuja língua oficial seria o iddish. A população judaica na região chegou, no auge, a 30 mil pessoas. A tentativa fracassou.

[6] O acordo de paz entre Egito e Israel, depois Jordânia e Israel, por frágeis que se tenham revelado, sobretudo o primeiro, despertaram a reação adversa dos setores mais tradicionalistas.

[7] A Venezuela de Chaves talvez seja a melhor representante dessa tendência, mas é discutível se se pode considerar essa variante de populismo como pertencente ao campo da esquerda.

[8] Que é preciso diferenciar da crítica marxista ao capitalismo, embora Chomsky se baseie em seus conceitos e análises para elaborar a descrição da "conjuntura atual".

[9] Por exemplo, em relação à mais do que provável participação da CIA no assassinato do chanceler Letelier (1976) por agentes de Pinochet, em Washington.

[10] Evidentemente, essa afirmação pode ser discutida, sobretudo em relação a Cuba e Venezuela (assim como Afeganistão e Iraque), mas é inevitável constatar que entre a antiga política do "Big Stick", em vigor a partir dos anos 30, e a situação atual - caracterizada por debates acirrados - há enormes diferenças.

Consulte mais sobre esse e outros títulos do autor:

www.franklingoldgrub.com